

CUBA RECIBE A OBAMA EN 2016: A REAPROXIMAÇÃO DIPLOMÁTICA ENTRE ESTADOS UNIDOS E CUBA NA PERSPECTIVA DA TELESUR¹

Domingos Alves de Almeida²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar e discutir a cobertura da emissora de televisão teleSUR, sobre a reaproximação diplomática entre Estados Unidos e Cuba, a partir da visita do Presidente estadunidense, Barack Obama, a Cuba, em 20 de março de 2016. Na fundamentação teórica recorreremos às contribuições de Robert Putnam (2008), Lisboa (2016), Fiori (2016), Borón (2016), Domínguez Guadarrama (2015) e outros. Utilizamos os aportes da metodologia qualitativa, através do método da Análise de Discurso (AD) de orientação francesa, na perspectiva de Eni Orlandi (2006-2010), além da pesquisa bibliográfica e documental. A partir da análise da cobertura da teleSUR, concluímos que a visita de Obama é tratada como uma vitória da revolução cubana e um fracasso das medidas restritivas do embargo norte-americano.

Palavras-Chave: Cuba; EUA; Obama 2016; teleSUR; Discurso.

INTRODUÇÃO

No dia 20 de março de 2016, o então Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, desembarcou em território cubano. É o primeiro chefe de Estado norte-americano a visitar o país caribenho, em 88 anos. O anterior tinha sido Calvin Coolidge em 1928, que foi a Havana para participar de Conferência Pan-Americana daquele ano. Desde então, houve a revolução cubana, que aconteceu em 1959, o alinhamento de Cuba com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o embargo econômico, comercial e financeiro, iniciado em 1960, a Crise dos Mísseis em 1962.

Acontecimentos que fizeram com que Cuba e Estados Unidos rompessem relações e, mesmo a globalização, com toda a sua dinâmica de aprofundamento internacional da integração econômica, social, cultural e política, não conseguiu amenizar as duras políticas restritivas da maior economia do mundo para o único país latino-americano a fazer uma revolução socialista.

No entanto, a visita de Barack Obama representa um novo momento político para as duas nações americanas, e é resultado de um processo político conduzido, sobretudo, pelos

¹ Artigo apresentado à Especialização em Relações Internacionais Contemporâneas (RIC), da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), como requisito para a obtenção do título de Especialista em Relações Internacionais Contemporâneas. Orientador: Prof. Dr. Marcelino Teixeira Lisboa.

² Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Mestrando do Programa de Pós-graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL) na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). e-mail: domingos.jzufma@gmail.com.

países da América Latina, que se encontravam politicamente fortes e economicamente sólidos, e que pressionaram a diplomacia norte-americana a negociar com Havana, seja de forma direta ou em organismos internacionais, como a Organização dos Estados Americanos (OEA) e Organização das Nações Unidas (ONU).

Essa ação política resultou em desdobramentos significativos nas iniciativas de reaproximação diplomática, que foram iniciadas em 2014. Um passo crucial para pôr fim ao embargo econômico, comercial e financeiro que já dura mais de 50 anos, e reestabelecer em definitivo as relações entre Cuba e Estados Unidos.

Por mais de cinquenta anos os cubanos enfrentam inúmeras restrições resultantes desse embargo imposto pelos Estados Unidos a Cuba. Os esforços diplomáticos iniciados em 2014 ganharam amplo apoio da comunidade internacional no sentido de eliminar um dos últimos vestígios da Guerra Fria na América Latina. Antes de 2016, foi aprovada por 24 vezes na assembleia geral da Organização das Nações Unidas, a resolução apresentada por Cuba pedindo o fim do embargo econômico. Até 2015 houve variações nos votos pró e contra a reivindicação cubana, e o que prevaleceu foi o não dos EUA. O fato novo em 2016 foi a abstenção norte-americana.

Por representar um momento histórico para o mundo, mas principalmente para a América Latina, com atuação decisiva nesse contexto, a viagem de Barack Obama a Cuba teve grande repercussão na mídia regional. Abordando os diferentes aspectos do reatamento dos laços políticos, os meios de comunicação se encarregaram de dar o tom às narrativas que construíram a memória histórica do encontro de Obama com Raúl Castro.

Neste sentido, este trabalho tem como objeto de estudo a cobertura da emissora de televisão teleSUR, sobre a reaproximação diplomática entre Estados Unidos e Cuba, a partir da visita do Presidente estadunidense, Barack Obama, a Cuba, em 20 de março de 2016. Tomamos como universo da pesquisa a cobertura da teleSUR sobre a temática, realizada durante o ano de 2016, adotando como recorte o material jornalístico da emissora produzido durante o mês de março. Optamos por esse período por considerarmos o mais significativo de todo o processo político de reaproximação diplomática, cristalizado na ida de Barack Obama a Cuba. O objetivo do texto é analisar e discutir a cobertura da emissora para verificar quais foram as características das informações produzidas.

Como base epistêmica, no que concerne às relações internacionais, recorreremos as contribuições de Robert Putnam (2008) à análise de política externa, por meio de suas reflexões presentes na teorização dos Jogos de dois Níveis. Assim faremos, por entender que essa teorização possibilita, metodologicamente, uma análise sistemática dos aspectos da

política externa, uma vez que leva em consideração em sua abordagem, tanto o nível nacional como o internacional de atuação dos Estados, destacando a relevância de outros diversos atores e interesses envolvidos, que exercem influência sobre a tomada de decisões dos Estados, a nível doméstico e externo.

Para tanto, utilizamos aos aportes da metodologia qualitativa e o método da Análise de Discurso (AD) de orientação francesa, na perspectiva de Eni Orlandi (2006-2010), além da pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

CUBA E EUA: DO ROMPIMENTO À REAPROXIMAÇÃO DIPLOMÁTICA

A Revolução Cubana, em 1959, que depôs o ditador Fulgencio Batista, e as políticas adotadas por Cuba, com a reforma agrária e a nacionalização de indústrias, “representavam uma ameaça direta ao poder político continental e mundial dos Estados Unidos, ao modelo hegemônico norte-americano” (BRAVO, 2015, p. 9).

Além disso, houve uma adesão cubana ao comunismo, e o estreitamento de vínculos de Havana com o Kremlin “se tornou um grave problema aos Estados Unidos. A aproximação do regime cubano com a União Soviética tornou a situação ainda mais delicada dentro dos quadros estratégicos da Guerra Fria” (BRAVO, 2015, p. 14).

La Revolución Cubana puso fin a tanto crimen e ignominia, y la reacción de sus predecesores en la Casa Blanca fue condenar a la isla rebelde por sus ansias de libertad y autodeterminación, por su lealtad al mandato histórico de José Martí. Hicieron de todo para acabar con la revolución, y todo les salió mal. Causaron miles de muertos y provocaron enormes daños y sufrimientos al pueblo cubano, con un bloqueo que si lo estimáramos en valores actuales equivaldría a dos Planes Marshall. Con uno bastó para la reconstrucción de Europa después de la Segunda Guerra Mundial; con dos no lograron hundir a Cuba (BORÓN, 2016, p. 3).

Com a intensificação dos laços entre cubanos e soviéticos a partir de 1961, houve sucessivas investidas dos Estados Unidos para desestabilizar o governo de Fidel Castro. Isso fica mais evidente após mais de 1500 exilados cubanos treinados pela *Central Intelligence Agency* (CIA) tentarem invadir a Ilha pela Baía dos Porcos. A partir de então, o líder cubano adotou medidas para proteger o país de uma iminente invasão dos EUA. Para isso, iniciou uma forte militarização de Cuba.

No dia 15, aviões bombardearam o aeroporto de Santiago de Cuba e mais dois campos de pouso na capital: morreram 7 pessoas e houve 53 feridos. O objetivo era avariar a Força Aérea Cubana, pois no dia 17 mais de 1500 homens, treinados pela CIA na Guatemala, invadiram Praia Girón, na Baía dos Porcos. A resistência se deu

pelas milícias formadas por Che Guevara e comandadas por Fidel Castro – Che, naquele momento, estava em Havana, para preservar a segurança da capital. As forças cubanas foram vitoriosas e foi nessa conjuntura que Fidel Castro declarou o caráter socialista da Revolução, em 16 de abril, quando, já informado dos planos da CIA, acusava os EUA da responsabilidade dos atentados no país (DOMINGOS, 2013, p. 84).

Essas graves agressões estadunidenses podem ter relação direta com o movimento que desencadeou a "Crise dos Mísseis" em 1962. Domingos (2013) chama atenção para os motivos que levaram à instalação dos mísseis soviéticos em Cuba. Segundo ele “o primeiro deles foi a necessidade da defesa de Cuba e de sua revolução socialista” (DOMINGOS, 2013, p. 88) principalmente contra os interesses norte-americanos.

“O segundo motivo foi restabelecer o equilíbrio estratégico do poder” (DOMINGOS, 2013, p. 88) entre as duas potências, uma vez que a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), não poderia ser ameaçada pelos Estados Unidos - que possuíam mísseis instalados na Turquia, Itália e Inglaterra - sem dar uma resposta de igual calibre, ou seja, era necessário “ser tão ameaçador quanto o seu inimigo”.

Como resposta à rebeldia cubana, os Estados Unidos impôs o embargo econômico, comercial e financeiro contra a Ilha. Entretanto, ao longo dos anos, o governo estadunidense perdeu o apoio internacional que tinha para manter o bloqueio. Washington foi derrotado por 24 vezes consecutivas em votações sobre o embargo a Cuba na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), desde 1992.

A perda considerável de apoio para manter as medidas restritivas fez o governo norte-americano reavaliar sua política para com o país caribenho. Em dezembro de 2014, ao anunciar o reestabelecimento diplomático entre os dois países, o Secretário de Estado John Kerry reconheceu o fracasso das medidas políticas e econômicas adotadas contra Cuba: *“quisimos aislar a Cuba, y los que terminamos aislados fuimos nosotros”*.

Ao mudar a política para Cuba, Obama reconheceu o óbvio. As restrições impostas à ilha são mais prejudiciais à população do que ao regime castrista. Por isso, negócios, investimentos e transações financeiras com Cuba serão facilitados, assim como a obtenção de equipamentos eletrônicos, o que certamente ampliará o acesso à internet no país caribenho, hoje precário (LIMA, 2014, p. 2).

Outro avanço histórico no sentido de pôr fim ao embargo norte-americano, foi a participação de Cuba na 7^o Cúpula das Américas³, realizada no Panamá em abril de 2015. Na

³ Trata-se do sétimo encontro entre os Presidentes dos países do continente Americano pertencentes à Organização dos Estados Americanos (OEA), ocorrido na Cidade do Panamá, capital do Panamá, que marcou a

ocasião os líderes dos dois países sentaram-se a mesma mesa pela primeira vez, desde a ruptura das relações diplomáticas. Cabe destacar que essa reaproximação contou com o engajamento efetivo do Papa Francisco, quem defendeu a abertura desde que assumiu o pontificado.

POLÍTICA BILATERAL DE CUBA E EUA

A América Latina vem passando por importantes transformações no cenário político, econômico e social nos últimos anos e, dessa forma, posicionando-se estrategicamente na geopolítica global. Nas duas últimas décadas, a emergência de políticos progressistas à presidência de diversos países da região, fortaleceu e/ou originou algumas iniciativas de integração regional que, de certa forma, acabou por reduzir a supremacia estadunidense sobre as nações latino-americanas. Esses processos integracionistas desencadearam também, movimentos políticos, para assegurar a inserção e plena participação dos países latinos no sistema internacional.

Um dos casos mais significativos desse movimento é o apoio dispensado a Cuba, país que desde o início dos anos 1960 sofre as consequências do embargo imposto pelos Estados Unidos, principalmente, por conta do seu processo revolucionário e do alinhamento político da Ilha com a URSS. Conforme explica Dominguez Guadarrama (2015, p. 64), no âmbito comercial, América Latina e Caribe “*se convirtieron, a partir de 2008, en el primer socio comercial de la Isla. En ese año representaron 52,5% del comercio total cubano, y para el 2010 se incrementó a 58,9%*”.

Desde a imposição do embargo, o país caribenho tem sido foco de debates com as mais distintas abordagens, como no âmbito político, diante de organismos internacionais como a ONU e a OEA. Recentemente, com a inserção de Cuba no sistema interamericano de forma plena, o país tem atravessado um processo significativo de mudanças internas, promovendo, por conseguinte, sua participação no mundo global e na economia internacional.

Entre as mudanças internas pelas quais a Ilha Caribenha passou está uma série de reformas feitas com o objetivo de atrair investidores externos. Segundo Honório e Mesquita (2015), essas reformas, inclusive, descaracterizam alguns aspectos do modelo de desenvolvimento do país socialista.

inédita presença do Presidente de Cuba, Raúl Castro. Cuba esteve ausente das demais cúpulas desde a década de 1960, devido ao embargo que o país sofria por parte dos Estados Unidos.

O ponto central dessas reformas baseia-se no entendimento do investimento externo como mecanismo de garantia da diversificação e atualização da economia cubana, e representa mudança substancial no modelo de desenvolvimento econômico e na estratégia internacional do país para o século XXI (HONÓRIO; MESQUITA, 2015, p. 1-2).

Nesse cenário de mudanças, além do apoio dos demais países da América Latina para pôr fim ao embargo econômico norte-americano, Cuba conta com a emergência da China à condição de potência e o interesse desse país pela região, bem como a perda gradativa de hegemonia hemisférica e global dos Estados Unidos.

O poder hegemônico norte-americano vem passando por metamorfoses desde a emergência da China, invasão no Oriente Médio, crises europeias, entre outros fatores. E, por isso, está buscando meios seguros para manter e aumentar a sua rentabilidade e manutenção do poderio, considerando que o mesmo enfrenta também, um momento de deterioração de seu poder comercial, produtivo e militar.

La debilidad hegemónica de Estados Unidos, más la fortaleza que ha adquirido Cuba gracias a una América Latina y el Caribe boyante, han sido factores fundamentales para que Washington busque a todas luces recuperar terreno en la región, vía el mejoramiento de relaciones con La Habana, mientras da muestras de libertad de mercado y espacio a la propiedad privada (DOMINGUEZ GUADARRAMA, 2015, p. 82).

Outro ponto a se destacar nessa proposta de reaproximação entre os dois países é a posição estratégica de Cuba que, de acordo com Honório e Mesquita (2015, p. 01), está posicionada em uma região (Caribe) que é “eixo logístico-estratégico dos fluxos comerciais que envolvem as disputas inter-imperialistas entre China e Estados Unidos”.

Por sua parte, o papel da China na economia mundial atualmente é indiscutível. E, especificamente, no que diz respeito à relação comercial e econômica desse país com a América Latina nas últimas décadas, os números mostram que tem sido significativa, e que o país asiático está preenchendo o vazio estratégico deixado pelos EUA, conforme destaca Domínguez Guadarrama (2015):

El comercio entre América Latina y China se multiplicó por 22 entre 2000 y 2013, al pasar de 12 mil millones de dólares a casi 275 mil millones en 2013, mientras que el comercio de la región latinoamericana con el resto del mundo se multiplicó sólo por tres. Las exportaciones regionales a China se multiplicaron por 27 en los últimos 13 años, mientras que las importaciones se multiplicaron por 20. si bien la región en conjunto mantiene déficit comercial con el gigante asiático, lo cierto es que las expectativas para equilibrar dicha situación son prominentes, luego de los resultados del Primer Foro Comunidad de Estados Latinoamericanos y Caribeños-China, que se realizó en Beijín los días 8 y 9 de enero de 2015. En esa ocasión, se

suscribió la Declaración de Beijín, se estableció el Foro Celac-China y se acordaron las bases de la cooperación entre las partes. China invertirá 250 mil millones de dólares en América Latina y el Caribe en el curso de los próximos diez años, mientras que el comercio alcanzará los 500 mil millones (DOMÍNGUEZ GUADARRAMA, 2015, p. 66-67).

Com as fortes investidas chinesas na região, os Estados Unidos que, nas últimas duas décadas tinha acumulado perda substancial de influência junto aos governos da América Latina, vêm buscado recuperar sua hegemonia, agora, ameaçada pelo gigante asiático. Um dos fatores que levaram a essa perda de poder, além da certa autonomia regional adquirida, é o fato desses países serem contrários a política segregacionista norte-americana em relação a Cuba. Por isso, nesse momento de realinhamento político e busca para reestabelecer sua supremacia, os EUA abre o diálogo sobre o embargo econômico, comercial e financeiro, ponto que une os países latinos em prol de Cuba e os coloca contra a política estadunidense.

Desta perspectiva, o recente reatamento das relações diplomáticas dos EUA com Cuba, explícita e aprofunda esta disputa pela supremacia regional. Foi uma vitória política indiscutível de Cuba e da América Latina, e também, do “internacionalismo liberal” de Barack Obama, que luta para sobreviver ao seu atropelamento pelo ultraconservadorismo dos republicanos, e de muitos dos seus próprios partidários democratas. Mas ao mesmo tempo, esta reaproximação é inseparável da expansão econômica chinesa no Caribe e na América Central, e do anúncio do novo “Canal da Nicarágua”, com 278 km de extensão, bem maior e mais complexo do que o Canal do Panamá. (FIORI, 2015, p. 6)

No entanto, vale ressaltar que, mesmo com o reestabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países, os entraves do embargo continuam. A decisão de suspender a política restritiva cabe ao parlamento estadunidense, dominado pela elite ultraconservadora desse país. Além disso, existe o lobby de cubanos dissidentes que incentivam as políticas norte-americanas de asfixia ao regime revolucionário cubano.

POLÍTICA EXTERNA DE CUBA E EUA EM DOIS NÍVEIS

Para iniciarmos essa abordagem teórica, faz-se necessário destacar que existem diferenças acentuadas na dinâmica da Política Externa de Cuba e Estados Unidos. São dois países com sistemas políticos diferentes. Enquanto o país norte-americano é uma potência capitalista, o Estado cubano adota o sistema socialista. Essas características fazem com que ambos os países tenham políticas distintas de inserção internacional.

Mesmo no contexto de globalização política, em que há o aumento da atuação de outros atores internacionais nas relações entre países, em Cuba, onde se mantém “um governo altamente centralizado e marcado pela necessidade de unidade, que se estende às diversas

organizações sociais, o Estado foi e pode ser considerado como o ator preponderante na integração do país ao sistema internacional” (SILVA, 2013, p. 94).

Robert Putnam (2010) justifica essa perspectiva na qual o Estado, a partir da instância executiva, assume a função protagonista na condução da Política Externa. Para ele, isso acontece porque “os poderes executivos centrais têm um papel especial na mediação das pressões domésticas e internacionais exatamente porque estão diretamente expostos a ambas as esferas” (PUTNAM, 2010, p. 151).

Celso Lafer (2000) explica que esse papel protagonista do Estado na Política Externa não exclui a participação de outros atores no processo e é indispensável, porque esse articula sua atuação como agente intermediador nas relações internas com a sociedade civil e externas com o mundo.

Apesar da multiplicidade de novos atores na cena internacional e do seu funcionamento em redes que são um dado da governança do espaço mundial, o Estado permanece como uma indispensável instância pública de intermediação. Instância interna de intermediação das instituições do Estado com a sociedade civil e instância externa de intermediação com o mundo, em função das especificidades que caracterizam os países e que explicam as distintas visões sobre as modalidades de sua inserção no sistema internacional (LAFER, 2000, p. 7).

Nesse sentido, entende-se que a inserção internacional dos Países leva em consideração os anseios dos atores internos. E esses interesses domésticos são manifestados em âmbito global através da Política Externa que, de acordo com Silva (2013), trata-se de um dos elementos de política internacional, em que o papel do Estado é preponderante. O autor complementa sua definição, afirmando que Política Externa “se refere ao conjunto de atividades políticas, mediante as quais cada Estado promove seus interesses perante os outros Estados, utilizando-se de diversos mecanismos e estratégias para alcançar os fins almejados” (SILVA, 2013, p. 95).

Lisboa (2016) reforça essa perspectiva e enfatiza que os delineamentos políticos das tomadas de decisões estatais voltadas para o âmbito internacional e considera, também, os agentes não governamentais.

A política externa, entendida como a parte da política geral, formada pelo conjunto de decisões e atuações mediante as quais se definem objetivos e se utilizam os meios de um Estado para gerar, modificar ou suspender suas relações com outros atores da sociedade internacional, é uma atividade que envolve tanto atores estatais como agentes não governamentais (LISBOA, 2016, p. 2).

Além disso, Putnam chama atenção para a dinâmica de atuação dos Estados na Política Internacional, em que articulam sua estrutura para mediar os interesses políticos tanto na

instância interna quanto externa, de onde recebe diferentes demandas e que precisa responder, sempre buscando defender seus objetivos. Essa luta política nas negociações internacionais é denominada por Putnam (2010) como “Jogos de Dois Níveis”. E ele explica como funciona.

No nível nacional, os grupos domésticos perseguem seu interesse pressionando o governo a adotar políticas favoráveis a seus interesses e os políticos buscam o poder constituindo coalizões entre esses grupos. No nível internacional, os governos nacionais buscam maximizar suas próprias habilidades de satisfazer as pressões domésticas, enquanto minimizam as consequências adversas das evoluções externas. Nenhum dos dois jogos pode ser ignorado pelos tomadores de decisão, pois seus países permanecem ao mesmo tempo interdependentes e soberanos (PUTNAM, 2010, p. 151).

Buscamos as contribuições de Putnam (2010, p. 149) por entender que essas oferecem subsídios consistentes "para entender-se como a diplomacia e a política doméstica interagem" e como os Estados, enquanto formuladores centrais dessas políticas, catalisam e respondem às pressões domésticas e internacionais.

Embora Putnam (2010) posicione a figura do negociador como central em sua teorização dos Jogos de Dois Níveis, para esta análise não colocamos a questão da negociação como o fator mais relevante, mas sim, a ligação entre as duas esferas (interna e externa) através e na importância do executivo.

O autor ressalta que é necessário enfatizar as lutas políticas para se entender os meandros domésticos da Política Externa e das relações internacionais. Essas lutas não advêm apenas dos funcionários do poder Executivo e dos arranjos institucionais, mas emanam, também dos partidos, das classes sociais, dos grupos de interesse, econômicos e não-econômicos, os legisladores, das eleições e até mesmo da opinião pública.

O trabalho do Estado, ao assumir a função de negociador-chefe e tomador de decisões, é lutar para conciliar e satisfazer as demandas domésticas no âmbito internacional e atender os imperativos externos. Portanto, não possui perspectivas políticas independentes, age simplesmente como um “honesto intermediário”, representando os interesses dos grupos internos que, em certa medida, são também, as suas reivindicações (PUTNAM, 2010).

Esse dinamismo de confluência de forças políticas no tabuleiro dos “Jogos de Dois Níveis” é visível no processo político discutido nesse trabalho e foi decisivo para elevar o nível das relações diplomáticas entre Estados Unidos e Cuba. Alguns fatores podem ser destacados como, no caso dos Estados Unidos, a eleição de Barack Obama em 2008, e de Cuba, a passagem do poder de Fidel Castro para Raúl Castro em 2009, (GAMA, 2015).

Barack Obama possui um perfil internacionalista e Raúl Castro, com tendências políticas menos radicais que seu irmão e antecessor, Fidel Castro, tem um espírito político mais moderado e se demonstrou disposto à possibilidade de abertura de Cuba para a inserção na comunidade internacional globalizada.

Nesse processo, três fatores surgiram como determinantes, tanto em suas estruturas políticas internas, quanto na conjuntura regional, para que o retorno das relações entre Cuba e Estados Unidos fosse possível. O primeiro deles refere-se às transformações de natureza doméstica com as mudanças feitas na economia cubana. O segundo, um fator externo, refere-se à diplomacia da Santa Sé, através da Igreja Católica, centrada na figura do Papa Francisco e o terceiro fator, uma questão externa regional, foi a condição regional favorável, com a chegada ao poder de políticos alinhados à esquerda.

Vitórias eleitorais da esquerda latino-americana no Brasil, Bolívia, Argentina, Uruguai, Equador e Venezuela trouxeram novo ímpeto à normalização das relações com Cuba, tanto na OEA quanto nas recém-criadas UNASUL e ALBA. Investimentos brasileiros no governo Luiz Inácio Lula da Silva deram início à modernização do porto de Mariel – com potencial para se tornar um hub logístico transoceânico. Vale lembrar que o Brasil reatou relações diplomáticas com Cuba em 1986 (sob José Sarney) e iniciou investimentos na ilha no fim do século XX (sob Fernando Henrique Cardoso) (GAMA, 2015, p. 38).

Conforme aponta Gama (2015), a diplomacia latino-americana teve atuação expressiva no contexto da reaproximação entre Estados Unidos e Cuba. Sobre o papel desempenhado pelo corpo diplomático da Santa Sé, o autor destaca o engajamento da Igreja Católica Cubana, a partir, principalmente, do empenho do Papa Francisco. Gama (2015) traz alguns dos avanços práticos alcançados já nos primeiros meses do reatamento diplomático.

Com a participação decisiva do Papa Francisco I (argentino), Cuba sob Raúl Castro e os EUA de Obama (em seu segundo mandato) acordaram, no aniversário do Papa, 17 de Dezembro de 2014, normalizar suas relações diplomáticas. No ano seguinte, as embaixadas seriam reabertas e as restrições ao turismo, dramaticamente atenuadas (apenas no 1º semestre, cerca de 100 mil norte-americanos visitaram Cuba). Já modernizado, o porto de Mariel foi redefinido como uma Zona Especial de Exportação (ZEE), seguindo o modelo bem-sucedido das ZEE chinesas. Com atraso de 25 anos, a economia cubana se beneficia da ‘globalização’ (GAMA, 2015, p. 39).

Com as mudanças nas políticas domésticas promovidas tanto por Cuba quanto por Estados Unidos, que possibilitaram, no âmbito externo, o retorno dos laços diplomáticos, o Presidente norte-americano, Barack Obama, demonstrou habilidade em lidar com a situação, considerando que, com isso, ele jogou para a oposição republicana que controlava a Câmara e o Senado, a responsabilidade de decidir o fim das restrições econômicas (GAMA, 2015).

Nesse sentido, no âmbito doméstico, às vésperas do pleito presidencial de 2016, Obama desarmou a oposição republicana, que tem nos expatriados cubanos um eleitorado fiel, capaz de decidir eleições apertadas como a de 2000 (GAMA, 2015). Embora a vitória eleitoral nos Estados Unidos, em 2016, tenha sido republicana, este foi um fator político eleitoral de considerável relevância naquele contexto. A partir do exposto, é possível visualizar a materialidade da articulação política no tabuleiro dos Jogos de Dois Níveis propostos por Putnam (2010).

COBERTURA DA TELESUR SOBRE A VIAGEM DE OBAMA ACUBA

O universo da pesquisa consta de 59 matérias de gêneros variados (notícias, notas, comentários e reportagens) sobre a reaproximação diplomática entre Estados Unidos e Cuba, veiculadas pela teleSUR durante o mês de março de 2016. Optamos por esse período por considerarmos o mais significativo de todo o processo político de reaproximação entre os dois países, que culminou com a ida de Barack Obama a Cuba no dia 20 de março do ano supracitado.

Tomamos como recorte as matérias que abordam especificamente os avanços do processo diplomático, materializado na visita de Obama. Essas somam 17, as quais estão dispostas na tabela abaixo. Todas as matérias analisadas foram baixadas do repositório de vídeos, hospedado no site da emissora teleSUR.

Tabela 01: Matéria da teleSUR sobre a visita de Obama a Cuba utilizadas na análise

Emissora	Título	Data
teleSUR	Gramma: Cuba ratifica su voluntad de avanzar en relaciones con EE.UU	09/03/2016
	A 20 años de la Ley Helms-Burton, el bloqueo de EE.UU. a Cuba continúa	12/03/2016
	Obama: EE.UU. comienza un nuevo camino con Cuba	14/03/2016
	Detalles del proceso de normalización de las relaciones Cuba-EE.UU.	15/03/2016
	Historia de la ruptura diplomática entre Cuba y EE.UU.	16/03/2016
	Pérez: Obama, obligado por la historia a restablecer relación con Cuba	16/03/2016
	Cuba: ultiman detalles para la visita de Barack Obama	18/03/2016
	EE.UU.: Obama rumbo a Cuba; marca nueva etapa bilateral con La Habana	20/03/2016
	Desciende el Air Force One en el aeropuerto de La Habana	20/03/2016
	Según encuestas los estadounidenses piden cese del bloqueo a Cuba	20/03/2016
	Obama: Mi visita a Cuba es histórica y oportunidad de estrechar lazos	20/03/2016
	Stella Calloni: Doble Moral, obstáculo en relaciones entre Cuba y EEUU	21/03/2016
	Pdte. Raúl Castro reitera que se debe poner fin al bloqueo contra Cuba	21/03/2016
	Rusia saluda acercamiento entre gobiernos de Cuba y EE.UU.	21/03/2016
	EE.UU.: ciudadanos apoyan restablecimiento de relaciones con Cuba	21/03/2016
	Obama reconoce soberanía e independencia de Cuba	22/03/2016
	Canciller de Cuba realiza balance sobre la visita de Obama	29/03/2016

Elaboração do autor. Fonte: site da teleSUR, disponível em <https://videos.telesurtv.net>

Para efetivar a análise de discurso da teleSUR sobre a reaproximação de Cuba e Estados Unidos, buscamos, inicialmente, identificar a formação discursiva articulada pela emissora, em torno do assunto. A formação discursiva “se define como aquilo que em uma formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2010, p. 43).

Ainda segundo Orlandi (2010), a formação discursiva “permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso” (ORLANDI, 2010, p. 43). Nesse aspecto, os aportes da Teoria Construcionista contribuem para a compreensão do aparato que funciona em volta da ação noticiosa, ao nos possibilitar entender ““por que é que as notícias são como são (e não são de outra maneira)?”, “por que temos as notícias que temos (e não temos outras notícias)?”, “como circula a notícia e que efeitos gera?”” (SOUSA, 2002, p. 01).

Para seguir adiante com a análise, é necessário ressaltar que, nesse processo, a teleSUR é parte interessada, não apenas por ser um agente político latino-americano, formador de opinião, interessado em construir uma esfera pública à esquerda, em defesa de Cuba, mas também, por ser um conglomerado midiático, do qual o estado cubano é sócio.

A partir da averiguação e análise prévia das notícias da teleSUR que compõem o *corpus* dessa pesquisa, verificamos que ela articula um conjunto de fatores que direciona para uma formação discursiva que a coloca na posição de entusiasta e defensora do processo diplomático, bem como questionadora e contrária ao embarco econômico, comercial e financeiro mantido pelos Estados Unidos contra a Ilha caribenha.

Assim, identificamos duas formações discursivas a partir da visualização do material telejornalístico tocante à temática, veiculado pela emissora. São elas: I) Fracasso das políticas restritivas norte-americanas e o consenso pelo fim do embargo norte-americano; II) Vitória da soberania do povo Cubano e a ilegalidade da Base Naval de Guantánamo. A seguir apresentamos as estratégias jornalísticas da teleSUR para articular esses discursos.

I) Fracasso das políticas restritivas norte-americanas e o consenso pelo fim do embargo norte-americano

Para essa formação discursiva, a teleSUR traz o contexto histórico do bloqueio, destacando os 20 anos da *Ley Helms-Burton*, assinada em 12 de março de 1996, pelo então presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton. A lei internacionalizava e endurecia o bloqueio a

Cuba, estabelecido por Washington desde 1962. Como marca de seu posicionamento a respeito do bloqueio, a TV afirma que o cerco financeiro e a internacionalização do bloqueio têm como objetivo asfixiar o povo cubano, considerando que os mais de 50 anos de embargo são marcados por perdas de mais de USD 100 bilhões para Cuba.

Como notamos, a teleSUR procura dimensionar financeiramente as perdas de Cuba, destacando que a restrição tem impedido maiores desenvolvimentos em áreas importantes para o país, mas ressalta que, apesar disso, a ilha tem conseguido reconhecimento mundial em áreas como saúde e Educação. Cuba foi o único país da América Latina a cumprir as metas da educação da Organização das Nações Unidas. Além disso, a emissora destaca o discurso do Presidente norte-americano, Barack Obama, em que ele admite o fracasso das medidas hostis da Casa Branca para Cuba.

No trecho de um discurso de Obama feito antes da ida a Cuba, veiculado pela teleSUR, o mandatário afirma esperar que sua visita à Ilha caribenha, “*la primera de un presidente estadounidense en 90 años*”, ajude a impulsar o restabelecimento das relações diplomáticas entre ambos países e que marcava o início de um novo ciclo de relações bilaterais.

Entretanto, mesmo com todas as demonstrações de avanços da diplomacia dos dois países, a teleSUR ressalta que, embora Obama demonstre interesse em solucionar o problema, alguns de seus gestos são contraditórios. Entre 2009 e 2016, por exemplo, o país aplicou 49 multas a países ou instituições que colaboraram com Cuba, somando mais de 14 bilhões de dólares. Outro destaque na cobertura da TV é a derrota dos EUA na Assembleia Geral da ONU pela 24ª vez em 2015. Esse fato leva a emissora a afirmar que o mundo reprova o bloqueio e retorna a Cuba parte da solidariedade que esse país tem tido com diversos países, em momento de adversidade, desde o início da revolução.

É feito também, um retrospecto do processo de normalização das relações diplomáticas. Primeiro a teleSUR enfatiza que se deve, em partes, ao fracasso da política ingerencista norte-americana contra a Ilha, para em seguida, continuar explicando que em 2015 foram retomadas as conversações de alto nível entre Washington e Havana. A partir de então, começaram as visitas de empresários, políticos, celebridades e acadêmicos a Cuba.

Também ganha espaço na cobertura da TV, a participação de Cuba na VII Cúpula das Américas a convite dos países latino-americanos. Na ocasião houve o primeiro encontro de diálogo entre Obama e Raúl Castro. Durante o evento foi efetivada uma velha reclamação da comunidade internacional aos EUA, a retirada de Cuba da lista de países patrocinadores do terrorismo.

Aqui é importante destacar que a teleSUR enfatiza o apoio dos países da América Latina dispensado a Cuba, como decisivo para o fortalecimento do processo diplomático. Como parte dos avanços, a emissora destaca a reabertura das embaixadas nos dois países, acordos de cooperação bilateral como, por exemplo, o convênio de aviação civil, que permitiu 110 voos comerciais entre território estadunidense e cubano, o reestabelecimento do Correio Postal, acordos de proteção do meio ambiente e áreas marinhas e para melhorar a segurança da navegação marinha.

Para construir seu discurso a TV buscou algumas fontes externas ao seu quadro de profissionais, como o diretor do jornal diário equatoriano, *El Telégrafo*, Orlando Pérez, que em sua aparição explicou que Barack Obama estava sendo empurrado pela história e ao mesmo tempo pressionado pelas forças da direita de seu país, a respeito da política sobre Cuba. Complementando as falas de Pérez, a teleSUR apresenta dados de uma pesquisa feita nos Estados Unidos que mostra que de cada três estadunidenses (60%) estão a favor do levantamento do bloqueio de seu país contra Cuba. Mesmo percentual dos que querem que se normalizem as relações bilaterais.

A teleSUR informou ainda, que a Rússia saudou a aproximação de Cuba e Estados Unidos. O porta voz da Presidência russa, Dimitri Peskov, ressaltou as boas relações existentes há décadas de Moscou com Havana. *“Estamos interesados en que Cuba, un país amigo de Rusia, mantenga buenas relaciones con todos sus vecinos y en primer lugar, con Estados Unidos”*.

Em uma das falas do presidente de Cuba, Raúl Castro, destacado pela TV, ele ratifica a disposição da revolução de avançar na normalização das relações diplomáticas, mas reitera que o levantamento do bloqueio econômico é indispensável para consolidar os passos já andados. Enquanto Obama, em visita à sede da embaixada estadunidense em Havana, afirmou que sua estada em Cuba *“es una visita histórica y una excelente oportunidad para mejorar las relaciones directamente con el pueblo cubano; lograr acuerdos, forjar lazos comerciales, construir nuevos vínculos entre ambos pueblos”*.

Para finalizar essa perspectiva discursiva trazemos os enfoques da teleSUR ao balanço feito pelo chanceler de Cuba, Bruno Rodríguez, da visita do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama ao país. Para o diplomata *“el levantamiento del bloqueo debe ser un acto unilateral de Estados Unidos, porque así fue impuesto”*. Sobre as eleições nos Estados Unidos: *“afortunadamente yo voto en Cuba, pero miraré la campaña [de EUA] con aprehensión”*. E a relação bilateral: *“es Cuba el único destino al que se prohíbe viajar a los ciudadanos estadounidenses”*.

II) Vitória da soberania do povo Cubano e a ilegalidade da Base Naval de Guantánamo

Durante toda a cobertura da teleSUR fica evidente sua oposição ao bloqueio norte-americano, bem como, à presença do país em território cubano, através da Base Naval de Guantánamo, área que Cuba reclama a devolução. No dia 09 de março a emissora destacou o editorial do jornal *Granma*, órgão oficial do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba, sobre a visita ao país do presidente Barack Obama. Dentre os destaques está o reclame por Guantánamo.

Otros asuntos que son lesivos a la soberanía cubana también tendrán que ser resueltos para poder alcanzar relaciones normales entre los dos países. El territorio ocupado por la Base Naval de los Estados Unidos en Guantánamo, en contra de la voluntad de nuestro gobierno y pueblo, tiene que ser devuelto a Cuba, cumpliendo el deseo unánime de los cubanos desde hace más de cien años (GRANMA, 2016, p. 04).

Ainda de acordo com os trechos do editorial frisados pela TV, o governo cubano ratifica sua vontade de avançar nas relações com Estados Unidos sobre a base da observância dos princípios e propósitos da Carta das Nações Unidas e dos princípios da Proclamação da América Latina e Caribe como Zona de Paz. É com esse entusiasmo que a teleSUR conduz o assunto, ressaltando que Cuba está disposta a construir novas relações com os EUA, mas sob as bases do respeito, igualdade e reciprocidade.

Direto da redação da emissora em Havana, a jornalista Fabíola López informa sobre a mobilização de Cuba para receber o presidente norte-americano, e que ele encontrará um país soberano e revolucionário, de um povo heroico e resistente que dispensa boa vontade para com os Estados Unidos. Frisa também, as declarações feitas pelo mandatário estadunidense em que reconhece a legitimidade do governo cubano.

Obama viajou a Cuba acompanhado de familiares e de uma comitiva formada por políticos e empresários. A teleSUR posicionou uma equipe de reportagem no aeroporto de Washington para acompanhar o embarque e partida do mandatário a Havana. A ida de empresários na comitiva presidencial é uma sinalização positiva ao mercado de produção e consumo cubano. A chegada dos norte-americanos ao aeroporto José Martí foi acompanhada por um grande número de veículos de comunicação, inclusive estadunidenses, que trataram o momento com um acontecimento histórico.

E mais uma vez, a teleSUR frisa que Cuba não abre mão de sua soberania e para isso, conta com o apoio da população. Enfatiza também, que o governo de Havana enfrenta a

oposição do *lobby* de Miami, exílio de dissidentes cubanos, informando que esses vociferam contra a revolução porque são movidos por dinheiro, mas que a história os está deixando de lado. Posteriormente, reforça que o ponto de interesse de Obama é normalizar laços comerciais e culturais com a Ilha.

Dentre as fontes buscadas pela emissora para analisar o momento político, está a jornalista, especialista em política internacional e escritora Argentina, Stella Calloni, que fala sobre a postura mostrada pelo “*gobierno revolucionário*” na jornada diplomática. A especialista que é entrevistada por telefone desde Buenos Aires, explica que Obama se mostra surpreso com volume da recepção oferecida aos Estados Unidos por um povo que era considerado inimigo. E ressalta outros pontos, como a capacidade de diálogos que Cuba tem demonstrado, caracterizando como auto-determinação dos povos cubanos; a manifestação de uma soberania consolidada como resposta às restrições do embargo; as importantes conquistas dos últimos anos em Cuba. E finaliza criticando a ingerência dos EUA nos países latino-americanos.

A teleSUR realiza sua cobertura ressaltando que a visita de Obama demandou dele uma extensa jornada de trabalho em Cuba. Durante o segundo em no país, o mandatário prestou homenagem ao herói nacional José Martí. Esse fato, juntamente com as fotografias feitas do presidente norte-americano com a imagem de Che Guevara ao fundo, foi classificado pela emissora como “*imagens impensadas*”. Não por se tratar de um erro, mas por ser algo com forte simbolismo político e ideológico.

Ainda segundo a TV, pela primeira vez em duzentos anos, Washington reconhece a soberania e a independência da ilha. Em reunião com o mandatário estadunidense, Raúl Castro pediu a devolução do território de Guantánamo e o levantamento do bloqueio econômico para poder normalizar as relações bilaterais. E o povo cubano seguiu com expectativa cada palavra proferida pelo presidente Obama na Ilha.

CONCLUSÕES

Os acontecimentos políticos nos EUA, posteriores a visita de Obama a Cuba, foram acompanhados com apreensão pelos defensores do fim do embargo econômico e da reaproximação diplomática entre ambos países. A eleição do ultraconservador republicano, Donald Trump, para a Casa Branca, deixou incerto o futuro das negociações e ameaça, inclusive, os avanços já alcançados pela diplomacia cubana e norte-americana.

Em novembro, depois de ter sido eleito Presidente, Donald Trump disse que poderia cancelar as medidas adotadas durante o governo de Barack Obama com relação a Cuba se o

governo da Ilha não se dispusesse a negociar "um acordo melhor". Dias antes (25 de novembro de 2016), em reação à morte de Fidel Castro, Trump qualificou o líder cubano como "brutal ditador" e prometeu que seu governo faria "o possível para assegurar que o povo de Cuba possa finalmente iniciar seu caminho rumo à prosperidade e liberdade".

No dia 03 de fevereiro de 2017, o então porta-voz da Casa Branca, Sean Spicer, disse durante uma coletiva de imprensa que o Governo norte-americano estava fazendo uma revisão completa de todas as políticas dos EUA em relação a Cuba, com foco em suas políticas de direitos humanos. Esse foi o primeiro pronunciamento oficial do novo governo com relação a Cuba, desde que Trump assumiu a presidência em 20 de janeiro. No entanto, o porta-voz não deu mais detalhes sobre as medidas que o Presidente pretendia adotar.

Em 16 de junho, o mandatário estadunidense anunciou uma revisão e possível cancelamento do acordo articulado por Barack Obama e Raúl Castro. De imediato foram aumentadas as restrições para viagens de americanos a Cuba e para fazer negócios com empresas controladas pelas forças armadas cubanas, que controlam mais de 60% do mercado do país.

No que trata especificamente da visita de Obama a Cuba, destacamos alguns pontos importantes dessa análise. O primeiro deles é que há um claro direcionamento no discurso da teleSUR em defesa dos interesses cubanos. Essa constatação fica evidente quando se verifica as fontes buscadas e as falas que ganharam atenção na cobertura da emissora. O segundo ponto trata da função dada aos países da América Latina, como atores relevantes do processo em curso. A TV busca sustentar sua perspectiva jornalística em dados concretos como, por exemplo, ao apresentar os números financeiros que mostram o quão prejudicial é o bloqueio para os povos cubanos. Ademais disso, destaca o apoio de 60% dos norte-americanos ao fim do bloqueio e ao reatamento diplomático.

O terceiro ponto da cobertura da teleSUR e, talvez o mais contundente deles, trata da forma soberana como Cuba conduziu todo o processo de conversação, articulação da visita e a recepção do presidente norte-americano em solo cubano. A emissora deixa transparecer a todo o momento que Cuba é o agente principal e condutor do processo. E faz sem abrir mão de suas soberania e convicções políticas revolucionárias.

Entendemos que a cobertura da teleSUR não reduz a atitude dos norte-americanos de irem até a Ilha, mas a coloca em condições menos prestigiada em relação ao protagonismo de Cuba, que resistiu por mais de 50 anos as mais brutais agressões praticadas pelos Estados Unidos que, através de medidas restritivas, buscaram desestabilizar o país e extinguir o projeto social representado pela Revolução de 1959.

Em nenhum momento, o recebimento do mandatário estadunidense transparece no jornalismo da teleSUR como um ato de submissão de Cuba. E de fato, não é, pelo contrário, o discurso de Obama anunciando o reestabelecimento das relações entre os dois países em 2014, em que admite que a política de isolamento fracassou, é a maior demonstração concreta dessa inversão de papéis.

Cuba não representa uma ameaça real aos EUA nem à conjuntura internacional, o que sempre incomodou os vizinhos nortistas foi o fato de o país não se curvar diante dos interesses estadunidenses, tampouco aceitar o intervencionismo crônico com que a Casa Branca lida com os países latino-americanos. Essa reaproximação também pode ser vista, sem dúvidas, como um triunfo da Revolução Cubana e vitória da diplomacia da América Latina e Caribe sobre as atitudes imperialistas na região.

Ao ir ao país de Fidel, Obama fez parte da sua obrigação como chefe de Estado. Reconhecer os erros de seu país e adotar medidas para tentar amenizar a dívida histórica com os cubanos é apenas uma pequena porcentagem do que se deve fazer. Isolado internacionalmente e sem apoio para seguir sufocando Cuba, o mandatário cumpriu com o que lhe restava.

Há uma compreensão por parte dos cubanos, e visibilizada pela teleSUR, de que a atitude dos EUA não significa a renúncia ao seu objetivo maior de subjugar Cuba a seus caprichos. Na verdade, o que existe é uma mudança de métodos e de ferramentas para conseguir derrotar o Governo cubano e mudar o sistema político do país. É uma experimentação para testar a profundidade e concretude dos pilares da revolução cubana.

Nesse processo de reaproximação diplomática, é possível notar a materialidade da perspectiva teórica dos Jogos de dois Níveis de Putnam, em dois planos que se complementam e são interdependentes, o nacional como o internacional, que contam com a presença de outros diversos atores e interesses envolvidos, que exercem influência sobre a tomada de decisões dos Estados, a nível doméstico e externo.

No primeiro nível, o nacional, estão os atores internos de EUA e Cuba, catalisando forças pró ou contra a reatuação dos laços diplomáticos. Entre esses atores, conforme podemos identificar na cobertura da emissora, estão legisladores, empresários, que viajaram com Obama à Ilha, a população civil que se organiza para pressionar seus representantes no poder, e o próprio executivo.

Um caso específico que podemos mencionar e que sempre surge nas discussões acerca das relações políticas de Cuba e Estados Unidos, é a dissidência cubana de Miami. Um forte grupo político, opositor ao regime revolucionário de Cuba, com representantes no congresso

norte-americano, e que possui significativo poder de influência nas tomadas de decisões quando se trata da temática aqui discutida.

No segundo plano de atuação, de nível internacional, estão os atores externos que pressionam as tomadas de decisões dos estados nacionais tanto a nível externo, quanto doméstico. Na cobertura da teleSUR os principais atores que ganham destaque por suas atuações nos avanços diplomáticos são: Barack Obama, Raúl Castro, os chefes e as chefes de estados da América Latina, a ONU e até o chefe da Santa Sé, Papa Francisco.

No entanto, na condução direta da política diplomática de reaproximação entre Cuba e Estados Unidos, há a prevalência da figura do executivo, no caso, Obama e Castro. Os demais atores que participam da articulação, como o chanceler cubano, Bruno Rodríguez, o secretário de estado estadunidense, John Kerry, entre outros, aparecem nas narrativas da TV em perspectiva secundária. Nesse sentido, é possível visualizar a consonância entre a teorização de Putnam e o processo de reabertura política entre os dois países.

REFERÊNCIAS

BORÓN, A. **Obama viaja a Cuba: consejos para disfrutar de su estadía.** Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/noticia/obama-viaja-cuba-consejos-para-disfrutar-de-su-estadia>. Acessado em: 10 jun 2016.

BRAVO, J. S. **A política internacional e a Crise dos Mísseis: 13 dias sob o terror nuclear.** NOVAS FRONTEIRAS: Revista Acadêmica de Relações Internacionais da ESPM-Sul, São Paulo, v.2 n.1, Jan-Jun, 2015.

DOMINGOS, C. S. M. **50 anos da Crise dos Mísseis: horror nuclear em tempos presentes.** *Historiæ*, v. 4, n. 2: 79-90. Rio Grande do Sul, 2013.

DOMÍNGUEZ GUADARRAMA, Ricardo. **Cuba y Estados Unidos: el largo proceso del reconocimiento** Latinoamérica. *Revista de Estudios Latinoamericanos do Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe*. N. 60, p. 53-92. Distrito Federal, México, 2015.

FIORI, José Luís. **Geografia e estratégia: A reaproximação entre Cuba e os EUA contém um paradoxo e uma lição geopolítica, sobretudo para os países que se propõem subir na escada internacional do poder.** Carta Maior, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://cartamaior.com.br/?%2FColuna%2FGeografia-e-estrategia%2F32513>. Acessado em 10 nov 2016.

GAMA, C. F. P. S. A abertura de Cuba e transformações da ordem internacional. **Em Debate**, Belo Horizonte, v.7, n.4, p.34-41, set. 2015.

HONÓRIO, K; MESQUITA, L. **A nova política externa cubana**. Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-grri/a-nova-politica-externa-cubana-5279.html>. Acessado em 10 nov 2016.

LAFER, C. **A diplomacia globalizada**. Valor econômico, 11-13 set. 2000.

LIMA, J. A. **Cuba**: uma jogada magistral de Obama. Revista Carta Capital. Rio de Janeiro: Ed. Confiança, 2016. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/cuba-uma-jogada-magistral-de-obama-8105.html>.

LISBOA, M. T. Atores Sociais na Política Externa Chilena: o Caso da Aliança do Pacífico. **Conjuntura Global**, Curitiba, vol. 5 n. 1, p. 131-151, jan./abr., 2016.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: Princípios & Procedimentos. São Paulo: Pontes Editores, 2010.

PUTNAM, R. D. Diplomacia e política doméstica: a lógica dos Jogos de Dois Níveis. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 147-174, jun. 2010.

SILVA, M. A. Revolução e política externa: os fundamentos e tensões da Política Externa de Cuba. **Cordis**. Revoluções, cultura e política na América Latina, São Paulo, n. 11, p. 91-126, jul./dez. 2013.

Reportagens analisadas

Gamma: Cuba ratifica su voluntad de avanzar en relaciones con EE.UU. (9 de marzo de 2016) Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/518368/gramma-cuba-ratifica-su-voluntad-de-avanzar-en-relaciones-con-eeuu/>. Acessado em 10 nov 2016.

A 20 años de la Ley Helms-Burton, el bloqueo de EE.UU. a Cuba continua (12 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/519944/a-20-anos-de-la-ley-helms-burton-el-bloqueo-de-eeuu-a-cuba-continua/>. Acessado em 10 nov 2016.

Obama: EE.UU. comienza un nuevo camino con Cuba (14 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/520498/obama-eeuu-comienza-un-nuevo-camino-con-cuba/>. Acessado em 10 nov 2016.

Detalles del proceso de normalización de las relaciones Cuba-EE.UU. (15 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/521031/detalles-del-proceso-de-normalizacion-de-las-relaciones-cuba-eeuu/>. Acessado em 10 nov 2016.

Pérez: Obama, obligado por la historia a restablecer relación con Cuba (16 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/521639/perez-obama-obligado-por-la-historia-a-restablecer-relacion-con-cuba/>. Acessado em 10 nov 2016.

Historia de la ruptura diplomática entre Cuba y EE.UU. (16 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/521633/historia-de-la-ruptura-diplomatica-entre-cuba-y-eeuu/>. Acessado em 10 nov 2016.

Cuba: ultiman detalles para la visita de Barack Obama (18 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/522463/cuba-ultiman-detalles-para-la-visita-de-barack-obama/>. Acessado em 10 nov 2016.

Desciende el Air Force One en el aeropuerto de La Habana (20 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/523006/desciende-el-air-force-one-en-el-aeropuerto-de-la-habana/>. Acessado em 10 nov 2016.

EE.UU.: Obama rumbo a Cuba; marca nueva etapa bilateral con La Habana (20 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/522970/eeuu-obama-rumbo-a-cuba-marca-nueva-etapa-bilateral-con-la-habana/>. Acessado em 10 nov 2016.

Según encuestas los estadounidenses piden cese del bloqueo a Cuba (20 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/523049/segun-encuestas-los-estadounidenses-piden-cese-del-bloqueo-a-cuba/>. Acessado em 10 nov 2016.

Obama: Mi visita a Cuba es histórica y oportunidad de estrechar lazos (20 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/523082/obama-mi-visita-a-cuba-es-historica-y-oportunidad-de-estrechar-lazos/>. Acessado em 10 nov 2016.

Stella Calloni: Doble Moral, obstáculo en relaciones entre Cuba y EEUU (21 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/523349/stella-calloni-doble-moral-obstaculo-en-relaciones-entre-cuba-y-eeuu/>. Acessado em 10 nov 2016.

Rusia saluda acercamiento entre gobiernos de Cuba y EE.UU. (21 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/523400/rusia-saluda-acercamiento-entre-gobiernos-de-cuba-y-eeuu/>. Acessado em 10 nov 2016.

Pdte. Raúl Castro reitera que se debe poner fin al bloqueo contra Cuba (21 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/523396/pdte-raul-castro-reitera-que-se-debe-poner-fin-al-bloqueo-contra-cuba/>. Acessado em 10 nov 2016.

EE.UU.: ciudadanos apoyan restablecimiento de relaciones con Cuba (21 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/523475/eeuu-ciudadanos-apoyan-restablecimiento-de-relaciones-con-cuba/>. Acessado em 10 nov 2016.

Obama reconoce soberanía e independencia de Cuba (22 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/523540/obama-reconoce-soberania-e-independencia-de-cuba/>. Acessado em 10 nov 2016.

Canciller de Cuba realiza balance sobre la visita de Obama (29 de marzo de 2016). Disponível em: <https://videos.telesurtv.net/video/526209/canciller-de-cuba-realiza-balance-sobre-la-visita-de-obama/>. Acessado em 10 nov 2016.